



Universidades Lusíada

Freitas, Ricardo Caetano de

Resor house project collage (1939), a representação da ideia de projecto e construção

<http://hdl.handle.net/11067/426>

Metadados

Data de Publicação	2010
Resumo	A partir da análise da collage elaborada por Mies Van de Rohe para representar o Resor House Project, propõe-se uma atenção especial à informação para lá do imediatamente visível na imagem, como entendimento de que será a descodificação dessa informação que permite a inteligibilidade da ideia de projecto manifestada na sua representação ou pormenorização para a sua materialização, enquanto construção de significado em arquitectura. (Ricardo Caetano de Freitas)...
Palavras Chave	Mies van der Rohe, Ludwig, 1886-1969 - Crítica e interpretação, Projecto de arquitectura
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FAA] RAL, n. 2 (1.º semestre 2011)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-11-14T19:20:52Z com informação proveniente do Repositório

FREITAS, Ricardo Caetano (2011). “Resor house project collage (1939), A representação da ideia de projecto e construção”. *Revista Arquitectura Lusíada*, N. 2 (1.º semestre 2011): p. 89-93. ISSN 1647-9009.

RESOR HOUSE PROJECT COLLAGE (1939), A REPRESENTAÇÃO DA IDEIA DE PROJECTO E CONSTRUÇÃO

Ricardo Caetano de Freitas¹

RESUMO

A partir da análise da *collage* elaborada por Mies Van de Rohe para representar o *Resor House Project*, propõe-se uma atenção especial à informação para lá do imediatamente visível na imagem, como entendimento de que será a descodificação dessa informação que permite a inteligibilidade da ideia de projecto manifestada na sua representação ou pormenorização para a sua materialização, enquanto construção de significado em arquitectura.

PALAVRAS-CHAVE

Ideia; projecto; construção; detalhe.

ABSTRACT

From the analysis of the *collage* designed by Mies Van der Rohe to represent the Resor House Project, it is proposed a special attention to the information beyond de immediately visible in the image, as understanding that it is de decoding of that information that allows the intelligibility of the project idea manifested in the representation or in detail to its materialization, while construction of meaning in architecture.

KEY-WORDS

Idea; project; construction; detail.

A partir da *collage* produzida para a “Resor House Project” (1939) de Mies Van der Rohe (1886-1969), procura-se constituir uma ferramenta de análise de projecto, reflexiva e intuitiva, pela compreensão da diversidade de disposições e de relações – a percepção, a memória, a imaginação, a emoção, o inteligível, a comunicação, a técnica, e a tectónica – e a incorporação de pressupostos temporais, epistemológicos e críticos que lhe estão subjacentes.

Estabelece-se como objectivo descobrir o “olhar com olhos de ver” – o domínio da experiência visual do mundo e das coisas.

Procura-se problematizar o uso e a função das imagens nos processos de concepção e de comunicação do Projecto e Construção a partir da análise e interpretação crítica da imagem que se propõe, no sentido de ver para além do óbvio e do imediato, encontrando informação extra que atribua o sentido que Leonardo Da Vinci definiria como “*cosa mentale*”.

¹ Ricardo Caetano de Freitas (Porto, 1976). Licenciatura em Arquitectura pela Universidade Lusíada do Porto em 1999. Mestre em Metodologias de Intervenção no Património Arquitectónico (MIPA) da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto com o tema de dissertação: “Revitalização e Reabilitação Urbana | A consciência dos valores do património como indutora de recuperação integrada da Cidade Histórica”.

Doutorando na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto (FAUP), com desenvolvimento de tese subordinada ao tema - “Projecto e Construção. Tectónica e Técnica na Obra de Jorge Gigante”. Desenvolve actividade profissional em atelier próprio desde 2000. Assistente da cadeira de Projecto na Faculdade de Arquitectura e Artes, da Universidade Lusíada de Vila Nova de Famalicão desde 2002.

E-mail: ricardofreitas.arq@gmail.com

Pretende-se que funcione como pretexto para encontrar paralelismos entre a informação para além do visível na imagem, mas que a torna significativa, e a informação também para além do visível na arquitectura, sua representação e construção, e que constitui a sua essência conceptual na qual o detalhe construtivo é factor essencial para a inteligibilidade da ideia de arquitectura.



Fig. 1 - Resor House Project, Jackson Hole, Wyoming, Interior perspective of living room and south glass wall. Ludwig Mies van der Rohe. 1939. Graphite, wood veneer, cut-and-pasted gelatin silver photographs, and cut-and-pasted photoreproduction (of Paul Klee's Colorful Meal, 1939) on illustration board, 30 x 40" (76.1 x 101.5 cm). Mies van der Rohe Archive, gift of the architect. © 2009 Artists Rights Society (ARS), New York / VG Bild-Kunst, Bonn
MOMA | The Museum of Modern Art collection _ 716.1963 Artist: Ludwig Mies van der Rohe [215]. Department: Architecture and Design [4475] Classification: A&D Architectural Drawing [817] Date: 1939

Procurou-se como critério de selecção, uma imagem de arquitectura que encerrasse na sua opção de representação questões de ordem conceptual e tivesse sido produzida por um arquitecto cujo discurso e obra permitissem aferir interpretações e/ou conclusões.

A selecção de uma *collage* de um dos mestres da arquitectura moderna - Mies van der Rohe - procura agrupar numa só imagem, que se considera sintetizadora, o desenho rigoroso / perspectiva, a fotografia e a pintura como referências às possibilidades diversas de representação e comunicação da ideia em arquitectura e permite levantar questões como a relação entre a obra e o sítio ou ainda sobre o detalhe construtivo que torna inteligível a ideia de projecto.

Em 1937, Ludwig Mies van der Rohe aceitou um convite para visitar os Estados Unidos com o propósito de projectar uma casa de férias para o Sr. e Sra. Stanley Resor perto de Jackson Hole, Wyoming. Pretendia-se que a casa se implantasse sobre um riacho que constituía uma ramificação do Snake River e se enquadrasse com a grande escarpa rochosa que se agiganta à distância.

Embora os clientes tenham perdido interesse na prossecução do projecto, Mies continuou a rever o projecto e criou uma série de novos desenhos, incluindo esta *collage*, o que sugere que esta imagem significa muito mais que a comunicação do projecto em si, mas sim a comunicação de uma ideia (de arquitectura e construção) que não se esgota pelo facto do projecto não ser executado, já que sobrevive como reflexão teórico-conceptual. De resto, a ideia viria a ser retomada mais tarde (1951) com a casa Farnsworth (Plano, Illinois, EUA).

Esta *collage*, que representa uma perspectiva de sala de estar principal para paisagem por detrás, terá sido produzida por George Danforth e William Priestley, estudantes de Mies.

Ao preparar o seu desenho original, Mies fizera inúmeros esboços mostrando elementos independentes, um banco de frente para o ponto de vista, um armário longo e muito baixo que define o espaço da sala de jantar, e uma estante alta para criar uma área leitura. Na imagem final, as lâminas de folheado de madeira na colagem parece ser um vestígio do armário, enquanto o corte de uma

pintura de Paul Klee reflecte as proporções da estante. A disposição destes elementos funcionais não aparece como literal, mas sugere a natureza do espaço fluido previsto por Mies.

Mies tinha usado a *collage* como técnica de apresentação durante a sua carreira, começando com o projecto para o Bismarck Monument de 1910. Em muitos casos anteriores ele tinha utilizado *collages* para construir visões mais realistas; esta e outras *collages* dos anos 1930 e 40 são, no entanto, menos pictóricas, mais sugestivas, remetendo para o movimento vanguardista. Assim, a fotografia de paisagem da montanha rochosa colada nas janelas, com cowboys a cavalo, não representa a verdadeira visão do sítio, mas sugere o que poderia ser considerado, por parte do arquitecto, como uma vista fantástica.

A fotografia da paisagem é a base da composição. Duas linhas horizontais traçadas em paralelo às margens superior e inferior da imagem, e suas perpendiculares, representam o caixilho e constroem o plano de vidro. Sobre a fotografia sobrepõem-se dois recortes a cores e representa-se um pilar. Estes elementos dão altura e profundidade à imagem, construindo a visão do espaço interior. O recorte de maior dimensão é uma reprodução parcial do quadro de Paul Klee - *Colorful Meal (Bunte Mahlzeit; 1928 _ Private collection)*. A relação entre dimensões, mais alto que largo, e com o enquadramento da vista permitem identificá-lo como uma divisória de alto a baixo. Os limites, superior e inferior, passam em igual medida o caixilho de fecho e indica que a altura da vista é metade do pé direito livre interior sugerindo um posicionamento “sentado” e consecutivamente de contemplação da paisagem. O recorte de textura de madeira tem um terço da altura da imagem e pode-se depreender como sendo uma peça de mobiliário. O pilar (famoso) cruciforme com as arestas bem definidas, afasta-se do caixilho e dá a medida do balanço da laje que se prolonga de forma contínua para o exterior, diluindo a fronteira/limite físico e visual entre dentro e fora. Não se representam as linhas diagonais do encontro entre paredes, tecto e chão. A impressão de profundidade vem sugerida unicamente pela relação entre os contornos, como numa *collage* cubista ou uma composição neoplástica. O uso da cor reforça o protagonismo dos elementos aplicados e afirma a sua função de suporte da estrutura espacial, bem como a sua autonomia e independência.

O facto de o Mies recorrer a uma fotomontagem parece sugerir ainda uma noção de que a arquitectura que pratica e defende se separa do tempo em que existe e que a sua representação também o deve expressar por colagem de “layers” diferentes.

Também a escolha de um quadro de Paul Klee sugere a partilha de ideias com o experimental, com os movimentos de vanguarda Expressionista e o interesse mais focalizado na interiorização da criação artística do que na exteriorização, uma reflexão individual e subjectiva e portanto mais interessado na apreensão pelo sujeito “observador” do que na idealização da realidade.

Tal como para Klee a arte era uma linguagem de sinais, de formas que constituem imagens de ideias, também para Mies a arquitectura condensa um complexo de ideias que só revela a plena qualidade evocativa pela experiência sensitiva do espaço arquitectónico e a sua relação com a envolvente.

A possibilidade do espaço interior está registado na imagem e revela maior importância perante o controlo e domínio visual da paisagem envolvente do que perante a distribuição de um eventual programa funcional. Esta situação remete para uma leitura da relação com o sítio sobreposta ao funcionalismo que é por muitas vezes associado a este autor.

Na sua opção representativa, mas também construtiva, Mies Selecciona e “encaixilha” a envolvente articulando e relacionado o objecto (arquitectónico) e o espaço (paisagem), parecendo querer, através do desenho delicado do caixilho, confundir a noção de limite entre exterior e interior.

A colagem revela assim de maneira clara a consciência da relação de domínio visual com que o edifício se incorpora no sítio. O arquitecto assume que o edifício se percebe junto da realidade física que o rodeia na medida em que faz parte e dialoga com ela estabelecendo um duplo sentido actuação e referência entre o espaço interior e espaço exterior.

À semelhança de C. Scarpa e das *histórias* por detrás dos detalhes, também em Mies estes parecem trazer associado mais do que uma mera resolução construtiva mas antes uma resolução de carácter conceptual, já que o detalhe que o arquitecto alemão revela nos elementos construtivos (ex.: pilar e caixilho) denuncia o seu método rigoroso e perfeccionista, mas sobretudo conceptual que surge implícito na frase que lhe é muitas vezes atribuída – “*God is in detail*” – remetendo para a questão de conteúdo (alma) e não apenas de forma (corpo), embora se julgue que a célebre frase não tenha sido inventado por ele, uma vez que é também apontada como das frases favoritas do historiador de arte alemão Aby Warburg e tem muitas vezes sido atribuída a Gustave Flaubert (1821-80).

Ainda que seja recorrente, a associação entre Mies e a célebre máxima “*Less is More*” atrevo-mo-nos, em relação ao detalhe construtivo da sua obra e a de fiéis seguidores como Eduardo Souto Moura, de substituir por (*Apparently*) *Less is (much) More (detail)*.

Esta perspectiva traduz ainda outro problema que se manifesta para além do visível e imediato, e que na arquitectura se manifesta, entre outras formas, através do pormenor ou detalhe construtivo.

O rótulo de minimalista que habitualmente se associa a esta arquitectura, em boa verdade é apenas aparente. Na prática (construtiva) essa simplicidade requer um nível de pormenorização muito cuidado, por vezes de grande complexidade e sofisticação de modo a tornar possível a leitura minimal da ideia de projecto onde o minimalismo constitui uma exploração da questão do significado, procurando regressar ao grau original, às fontes puras da arquitectura iluminista ou ao purismo do movimento moderno.

Em “o exercício do detalhe” (1983), Vittorio Gregotti, considera que a arquitectura (diferentemente da prática construtiva) está nos detalhes que revelam as propriedades dos materiais pela aplicação das leis da construção e torna inteligíveis as decisões de projecto. O detalhe coloca ainda a problemática da hierarquia, porque sugere uma possível relação entre a parte e o todo.

O detalhe a que aludimos, “narrativo” (Marco Frascari, “o detalhe narrativo”; 1984), é a unidade mínima de significação na produção de sentido em arquitectura e é o lugar de encontro da construção idealizada (idealmente também representada) e a construção real.

Defende-se por isso, a ideia de que as possibilidades de inovação e invenção estão nos detalhes e considera-se que a arquitectura é tanto uma arte como uma profissão. Uma arte porque se ocupa não só da necessidade primordial do abrigo, mas também da união de espaços e materiais de uma maneira significativa. É no detalhe “fértil” que têm lugar tanto a construção física [*constructing*] como a construção do significado [*construing*].

A escolha apropriada dos detalhes permite construir a história, o enredo para uma boa narrativa (arquitectónica).

Também Mies Van der Rohe refere-se à construção como materialização da Arquitectura onde a forma é o resultado do trabalho e não a meta a atingir – “Rejeitamos reconhecer problemas formais, só problemas construtivos.”²

Não significa isto que esteja a aludir à revelação mecânica da construção mas à manifestação de uma estrutura potencialmente poética, no sentido original da palavra grega poésis (e heideggeriana), como acto de criar e revelar, em consonância com o discurso sobre a Tectónica exponenciado por Kenneth Frampton em “rappel à l’ordre, argumentos a favor da tectónica” (1990), onde valoriza a poética do construir subjacente à prática da arquitectura e artes afins.

² Van der Rohe, Mies; “Construir”(1923); *La palabra sin artificio reflexiones sobre arquitectura 1922-1968*, Barcelona, El Croquis editorial, 2000; pags 366

A obra de arte moderna, tal como a arquitectura, é um bloco de sensações, quer dizer, um composto de percepções e afectações segundo Gilles Deleuze e Félix Guattari no livro “o que é a filosofia?”. Sensações que nos remetem para outros objectos e imagens que servem de referência. O material e sua durabilidade são os que suportam e produzem tanto as percepções que recebemos através dos sentidos como as afectações que não são meramente subjectivas nem podem ser consideradas puras reacções do indivíduo frente à obra. A arquitectura radical de Mies (representação e materialização) é um bloco consolidado, permanente de produção de sensações através das quais se passam as materiais e se chega aos conceitos.

“A arquitectura é a relação espacial do homem com o seu envolvente e a expressão de como se afirma nele e como o sabe dominar. Por isso, a arquitectura não é só um problema técnico, nem um problema exclusivamente organizativo e económico. Na realidade, a arquitectura é sempre a consumação espacial de uma decisão intelectual.”³

Ainda que Mies fosse parco em explicações, os seus desenhos são explícitos e as composições por *collage* explicam a sua percepção do espaço e a sua conceptualização da arquitectura, que poderão ser entendidos como elementos de estudo, reflexão e análise transversais à sua obra e não apenas sobre a qual se representa.

BIBLIOGRAFIA

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix; “o que é a filosofia?”; tradução de Bento Prado jr. e Alberto Alonso Muñoz; Rio de Janeiro, Ed.34; 1992.
- ELKINS, James – *The Domain of images*. Ithaca London: Cornell I university Press, 1999.
- FRAMPTON, Kenneth; *Modern Architecture: A Critical History (World of Art)*. Thames & Hudson, London, Fourth edition, 2007
- FRAMPTON, Kenneth; *Studies in Tectonic Culture: The Poetics of Construction in Nineteenth and Twentieth Century Architecture*. MIT Press, Cambridge, Mass., 2001
- FRAMPTON, Kenneth; *Rappel à l'ordre, argumentos a favor da tectónica (1990)*. in Kate Nesbitt (org.). *Uma Nova Agenda Para a Arquitectura – antologia teorica 1965-1995*. São Paulo ,Cosacnaify, 1995
- FRASCARI, Marco; *O detalhe narrativo (1984)*. in Kate Nesbitt (org.). *Uma Nova Agenda Para a Arquitectura – antologia teorica 1965-1995*. São Paulo ,Cosacnaify, 1995
- GUIRAU, Cristina Gastón; *Mies: el proyecto como revelación del lugar*; coleccion arqutesis n.º19, Fundación Caja de Arquitectos, Barcelona, 2005
- GREGOTTI, Vittorio; *O exercício do detalhe (1983)*. in Kate Nesbitt (org.). *Uma Nova Agenda Para a Arquitectura – antologia teorica 1965-1995*. São Paulo ,Cosacnaify, 1995
- JANSON, H. W.; *História da arte*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 1989
- NORBERG-SCHULZ, Christian; *Genius Loci, Towards a Phenomenology of Architecture*. Rizzoli, New York. 1980
- NORBERG-SCHULZ, Christian; *Architecture: Meaning and Place*. Princeton Rizzoli, New York. 1980
- NORBERG-SCHULZ, Christian; *Intentions in Architecture*. MIT Press, Cambridge, Mass., 1965
- ROHE, Mies Van der, *La palabra sin artificio reflexiones sobre arquitectura 1922-1968*, Barcelona, El Croquis editorial, 2000
- SOLÀ-MORALES, Ignasi de; *Diferencias: Topografia de la arquitectura contemporánea*, Barcelona, GG, 2003.
- SOLÀ-MORALES, Ignasi de; *Inscripciones*, Barcelona, GG, 2003.
- SOLÀ-MORALES, Ignasi de, *Ecleticismo y vanguardia y otros escritos*, Barcelona, GG, 2003.

³ Conferência de Mies Van der Rohe na Biblioteca Nacional de Arte de Berlim em 1928 sob o título “Os requisitos da criatividade arquitectónica”.

Rohe, Mies Van der, *La palabra sin artificio reflexiones sobre arquitectura 1922-1968*, Barcelona, El Croquis editorial, 2000, pags452-457.